

Prejuízos motores pouco depois do parto

Bebês de mulheres infectadas pelo novo coronavírus durante a gestação podem ter dificuldade de controlar os movimentos da cabeça e dos ombros com menos de dois meses de idade, mostra estudo espanhol

ARUN SANKAR

O trabalho de cientistas sobre as sequelas da exposição ao novo coronavírus tem resultado em uma lista grande e diversa de complicações. Os infectados analisados, porém, são, geralmente, adultos, idosos e crianças. Faltam dados sobre o que acontece quando o primeiro contato com o Sars-CoV-2 ocorre ainda no útero materno. Um grupo de cientistas de instituições espanholas se dedica a investigar os efeitos dessa condição, e uma dos primeiros resultados a que chegaram é que os recém-nascidos de mulheres que tiveram covid-19 durante a gestação podem apresentar problemas na função motora já nas primeiras semanas de vida.

A equipe analisou os recém-nascidos e 42 mulheres, sendo que 21 testaram positivo para a doença durante a gravidez e 21, não. Todos foram atendidos no Hospital Universitario Marqués de Valdecilla, em Santander. As mulheres foram submetidas a uma série de exames durante e após a gestação, como avaliação hormonal e bioquímica (níveis de cortisol, resposta imunológica etc.), testes salivares, e de respostas de movimento, além de responderem a questionários psicológicos.

Para a análise dos bebês, adotou-se a Escala de Avaliação Comportamental Neonatal (NBAS), que avalia a capacidade de movimento e o comportamento. Os resultados mostraram que os bebês nascidos de mães que foram infectadas pelo Sars-CoV-2 apresentaram maiores dificuldades em relaxar e adaptar o corpo quando estavam no colo, quando comparados aos que nasceram de mulheres que não tiveram covid-19. Além disso, as crianças do primeiro grupo tendiam a apresentar maior dificuldade em controlar os movimentos da cabeça e dos ombros.

As complicações foram detectadas na sexta semana após o parto e se mostraram mais acentuadas quando a exposição ao vírus se deu no fim da gestação. “Descobrimos que certos elementos da medição NBAS foram alterados em bebês de 6 semanas que foram expostos ao



Novo estudo vai focar no risco de complicações a longo prazo no desenvolvimento motor e na linguagem das crianças

Palavra de especialista

Um campo a investigar

“Há uma grande necessidade de estudar os efeitos diretos e indiretos da pandemia da covid-19 na saúde e no bem-estar de pais e bebês. A gravidez é um período da vida que molda muito do nosso desenvolvimento subsequente, e

vírus Sars-CoV-2. Efetivamente, eles reagem de maneira um pouco diferente ao serem seguidos ou abraçados”, resume, em comunicado, Águeda Castro Quintas, pesquisadora da Universidade de Barcelona e uma das autoras do estudo.

a exposição à adversidade nessa fase pode deixar pegadas biológicas duradouras. Essas descobertas do grupo espanhol reforçam evidência de alterações epigenéticas em bebês nascidos de mães expostas a estresse

Segundo a pesquisadora, o grupo conduziu os testes de forma “especialmente sensível”. Cada mãe e bebê foi examinado de perto por médicos com treinamento especializado nas áreas avaliadas e nos testes aplicados. “Esse é um projeto em andamento e estamos em

relacionado a pandemias durante a gravidez. Isso mostra que precisamos de mais pesquisas internacionais em larga escala para nos permitir entender os efeitos sobre o desenvolvimento dessa emergência de saúde e oferecer

um estágio inicial (...) Não sabemos se esses efeitos resultarão em problemas de longo prazo. A observação duradoura vai nos ajudar a entender isso.”

Líder do projeto, Ayesa Arriola faz ponderação semelhante. “Nem todos os bebês nascidos de

melhor qualidade de atendimento aos pais e bebês.”

Livio Provenzi, pesquisador em psicobiologia do desenvolvimento na Universidade de Pavia, na Itália

mães com covid-19 apresentam diferenças de desenvolvimento neurológico, mas nossos dados mostram que o risco é maior, em comparação àqueles não expostos ao coronavírus no útero. Precisamos de um estudo maior para confirmar a extensão exata

da diferença”, enfatiza. Os resultados já obtidos foram apresentados no 30º Congresso Europeu de Psiquiatria, que termina hoje, em Budapeste, na Hungria.

Novas práticas

Agora, a equipe planeja acompanhar o desenvolvimento motor e as evoluções na linguagem dos bebês com idade entre 18 e 42 meses. Nerea San Martín González, uma das coautoras do estudo, explica que, em crianças muito jovens, é impossível avaliar habilidades como a linguagem e a cognição. Dessa forma, o acompanhamento a longo prazo e a análise de um grupo ampliado de bebês ajudarão a equipe a aprofundar os conhecimentos obtidos. “Precisamos de uma amostra maior para determinar o papel da infecção nas alterações do neurodesenvolvimento da prole e a contribuição de outros fatores ambientais”, diz.

A também pesquisadora da Universidade de Barcelona avalia que os resultados já obtidos sinalizam a importância de que a infecção pelo novo coronavírus seja acompanhada de perto durante a gestação e de que crianças que tiveram contato com o Sars-CoV-2 antes de nascer tenham uma assistência pediátrica que considere essa excepcionalidade. “Precisamos enfatizar a importância de um acompanhamento médico para facilitar uma gravidez saudável, além da importância de as mães discutirem quaisquer preocupações com os médicos sempre que necessário”.

No campo da pesquisa, a colaboração entre os estudiosos sobre os efeitos da covid-19 na primeira infância ajudará na criação de abordagens mais eficazes para prevenir e avaliar as sequelas, pontua Ayesa Arriola. “Este é o momento certo para estabelecer colaborações internacionais que nos permitam avaliar o neurodesenvolvimento de longo prazo em crianças nascidas durante a pandemia. A pesquisa nesse campo é vital para entender e prevenir possíveis problemas neurológicos e vulnerabilidades de saúde mental nessas crianças nos próximos anos”, justifica a líder do estudo.

Sem o vírus, mas cansados

NOEL CELIS



Problemas de sono e fadiga foram relatados por indivíduos que enfrentavam os sintomas da covid longa

Os distúrbios do sono e fadiga podem fazer parte da lista de sequelas da infecção pelo novo coronavírus. Pesquisadores da Cleveland Clinic, nos Estados Unidos, descobriram que ao menos 40% dos pacientes com covid longa enfrentam um desses problemas em quadros considerados moderados a graves. Três fatores parecem contribuir para a maior vulnerabilidade: raça, obesidade e transtornos de humor.

A equipe analisou dados de 962 pacientes atendidos no centro clínico, entre fevereiro de 2021 e abril de 2022. Todos os participantes tinham se recuperado da covid-19 e responderam a questionários de distúrbios do sono e fadiga. Mais de dois terços dos avaliados (67,2%) relataram ter pelo menos fadiga moderada, enquanto 21,8% relataram enfrentar fadiga severa.

49,3%

dos curados da infecção pelo coronavírus apresentaram distúrbios do sono moderados ou graves

89%

dos curados da infecção pelo coronavírus apresentaram fadiga moderada ou grave

Quanto aos distúrbios do sono, 8% disseram ter comprometimentos graves e 41,3%, pelo menos moderados.

Após o ajuste para dados demográficos, a equipe concluiu que os pacientes negros eram três vezes mais propensos a apresentar distúrbios do sono moderados a graves. Além disso, o problema era mais comum em pessoas que apresentavam maior índice de massa corporal (IMC) e sintomas de transtorno de ansiedade geral.

Debilitantes

“Dificuldades do sono são sintomas altamente prevalentes e debilitantes relatados em pacientes com sequelas pós-aguda de COVID-19”, enfatiza Cinthya Pena Orbea, especialista em sono da Cleveland Clinic e uma das autoras do estudo, apresentado na Sleep 2022, a reunião anual da Academia Americana de Medicina do Sono e da Sociedade de Pesquisa do Sono, que acaba hoje. Na avaliação da cientista, os

dados obtidos indicam a necessidade de mais estudos para o desenvolvimento de estratégias médicas mais personalizadas. “Nosso estudo sugere que a prevalência de distúrbios do sono moderados a graves é alta e que a raça negra tem maiores riscos de sofrer quadros moderados a graves, destacando a importância de entender melhor os determinantes específicos da raça dos distúrbios do sono para o desenvolvimento de intervenções”, diz.

